

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

Zabelinha

Ser feliz sem motivo é a mais autêntica
forma de felicidade.

Carlos Drummond de Andrade

Regine Limaverde

Era uma rua da periferia. Chamava-se Princesa Isabel ou Dona Isabel. Para nós, de casa, era Zabelinha. Uma rua animada. Em um determinado quarteirão da Zabelinha, vivi dos 3 aos 13 anos. Idade das descobertas, das primeiras paixões, do despontar para o mundo, da descoberta do outrem, das brincadeiras infantis e de tantas outras procuras e achados. Gosto de pensar na minha infância cheia de gaiatices e danações. Fui, desde cedo, muito sociável. Andava muito na rua, na casa das amigas, o que me fez ser veículo de todas as doenças da primeira idade para meus irmãos mais novos. Levei, para casa, coqueluche, sarampo, papeira, catapora. Contraí hepatite A, fui operada de apendicite, retirei cedo minhas amígdalas, tive furúnculo, verruga nos pés, quebrei perna, o escambau. Isso não me impediu de ser primeira de classe, tirar o primeiro lugar no exame de admissão do Colégio 7 de Setembro, de jogar vôlei, nadar, declamar sob a regência de uma declamadora muito exagerada, que havia na época, e de levar carão do Dr. Edilson nos ensaios de declamação de “Língua Nacional” para dizê-la na PRE9, em um programa, que o colégio tinha, no dia 7 de Setembro. Não tinha noção de que declamava Filgueiras Lima, um poeta da Academia Cearense de Letras, cuja cadeira, um dia, eu ocuparia.

O quarteirão era cheio de animação. Começava com uma bodega na esquina, chamada Zé Rosa, cujo proprietário era o mesmo. Tinha uma serviçal que logo ficou grávida dele e que o chamava de Seu Zé Rosa. Pois bem, nessa bodega comprei minha primeira coca-cola que, até hoje, amo e que meu filho chama de veneno. Quando ele chega a casa para almoçar, vai logo perguntando para a secretária:

- hoje tem veneno para o almoço? Foi nessa mercearia, também, onde comprei meu primeiro cigarro (depois de roubar dinheiro do bolso do meu pai) e *pipers*, um bombom de hortelã, que se usava para disfarçar o cheiro horrível da boca depois de um forte cigarro BB.

Rio, rio das lembranças quando falo no pessoal que habitava essa rua. Tinha uma oficina cujo dono (tadinho!) tinha varicosele. E ficava sentado numa cadeira de balanço com aquele mondrongo entre as pernas à mostra de quem passasse. Nessa oficina trabalhava o Gipão, um bichão grande, cheio de músculos e que namorava a cozinheira da minha casa. Quando precisava de operário para esvaziar a fossa, o papai chamava o Gipão, que, atolado em fezes, tomava goles e goles de cachaça para aguentar o mau cheiro exalante do terrível trabalho. Mais adiante, tinha umas vitalinas enjoadas e uma delas, talvez a mais chata, me preparou para a primeira comunhão. – Quem é Deus? - É o Criador do céu e da terra. Ele está presente em todos os lugares. E tome Ato de Contrição, Creio em Deus Padre, Salve Rainha. Decorei tudo e fiz minha primeira comunhão na Igreja de São Benedito com os cachos todos arriando do meu cabelo liso e que havia sido colocado no *Toni* a noite toda. *Toni* era um fixador de cheiro horrível e que deixava o cabelo todo enroladinho. Foi um festão nesse dia, com direito à visita das minhas duas avós e um presente que ainda hoje possuo, um certificado do feliz dia da minha primeira comunhão e que meu pai mandou colocar em moldura.

Na época, duas coisas me alegravam: a posse de uma mala, daquelas de madeira e cobertura de papel encerado, comprada no Mercado S. Sebastião, bem cafona, mas que tinha fechadura, e latas de biscoitos sortidos que eu degustava encantada. Juntava toda a minha mesada para ter esses dois tesouros. Na mala guardava provas do colégio, chocolates e bilas (tinha uma bolsa de cabeçulinha que ganhava nos jogos com os meninos da rua). Eram de todas as cores: amarelas, azuis, verdes, róseas. Essas bilas me fascinavam.

Aos domingos brincávamos de guisado. Comprava fogareiro de barro e panela também no Mercado São Sebastião que ficava perto

e, assim, aprendi a fazer carne, feijão, arroz e outras comidas mais. A mamãe morria de nojo de provar essas iguarias, mas foi uma maneira sacrificada e brincalhona de eu aprender a cozinhar.

Mais adiante, havia uma família que tinha muitos filhos. Alguns homens que levavam nomes de heróis brasileiros e mulheres mais velhas do que eu. Havia um, o mais novo, que tinha o apelido de “Rato”. Os mais danados do quarteirão, quando queriam insultá-lo, jogavam cascas de queijo no terraço da sua casa. Era um papoco!

Em frente à minha casa moravam os pais do Pintor Antônio Bandeira. Minha avó era muito amiga da D. Maria. E quando diziam para ela sobre as danações do Seu Sabino, seu marido, ela falava: - quem comeu a carne, que roa os ossos.

Havia uma vizinha que morava com o marido cujo nome era Seu Rolinha. Ela dizia assim: - só tomo banho quando meu corpo pede.

Havia uma que era a rainha da rua. Tinha três meninos danadíssimos!!! Eu adorava brigar de luta livre com o do meio. Às vezes, eu perdia as lutas e ficava danada e saía atrás dele com uma corda na mão. Nas lutas, quando o adversário gritava penico, penico era pra gente sair de cima dele.

Vizinho à minha casa morava um casal muito decente que tinha três filhos e uma filha. Eu era apaixonada pelo mais velho que usava *Fleur de Rocaille*, o perfume da mãe. A mulherada do quarteirão adotava um caderno com perguntas às quais todas nós respondíamos. Seu nome era caderno de Disparate. Nele fazíamos todos os tipos de perguntas para, dependendo das respostas dos meninos, sim, porque todos os adolescentes das redondezas assinavam o ponto nessa brincadeira, sabíamos quem paquerava quem. Na primeira página, a gente se identificava e tínhamos, então, um número. Através dele sabíamos o perfil de todos os entrevistados. Meu galã era moreno dos olhos verdes e, através da brincadeira, soube que ele também tinha interesse por mim. Sua mãe possuía uma fábrica de *soutiens*. Naquele tempo, os sustentadores de peitos eram acolchoados. E a minha primeira providência, ao começar o namoro com o moreno, foi comprar

um *soutien* que eu, ao empurrar a mão sobre a peça, entrava toda. Eu achava lindo desfilar na rua com uma roupa que eu mesma havia costurado, usando meu *soutien* acolchoado. Cartei muito alto com os peitos maiores do que na verdade eram. Depois que me mudei para Aldeota e abandonei a Zabelinha, ainda recebi uma visita do meu moreno dirigindo uma Rural Willis, mas cedo, troquei-o por outro. Minhas exigências foram se refinando.

As pessoas da Zabelinha eram muito humildes e me ensinaram muita coisa boa. Durante o tempo em que morei lá tive tristezas, conheci a morte, a vida, despertei para o sexo, entrei para adolescência, menstruei aos 12 anos depois de ser beijada na bochecha pelo meu primeiro namorado, despertei para poesia, para a leitura (li *Os sertões* aos 13 anos de idade), estudei muito, e fui feliz colecionadora de chapas de políticos, de lápis pretos, de cadernos com misses Ceará, Brasil e Universo e organizadora de álbuns de artistas. Meus preferidos eram Rock Hudson e Elizabeth Taylor. Foi lá que soube como um nenê era feito, fato que me impressionou. Foi lá que consegui o primeiro lugar no Exame de Admissão, depois de estudar e rezar um rosário todos os dias. Foi lá que previ meu futuro de viajante, gostando de malas. Foi lá que aprendi a ser gente. Tenho saudades da Zabelinha.